

**Sérgio Capparelli**



**O rapaz  
do metrô**

Poemas para jovens  
em oito chacinas  
ou capítulos

**BS**  
BestSeller

**MANUAL DO PROFESSOR**

**BS**  
BestSeller

# O rapaz do metrô

Poemas para jovens em  
oito chacinas ou capítulos

Sérgio Capparelli

**MANUAL DO PROFESSOR**



### Elaboração do manual:

Cintia Barreto

Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ e

Curadora do projeto Conversa Literária.

---

Título	O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinas ou capítulos
Páginas	156
Autor (a)	Sérgio Capparelli
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	6
Tema (s)	A vulnerabilidade dos jovens; inquietações da juventude
Gênero Literário	Poema
Interdisciplinaridade	História, sociologia, geografia

---

Poema é o texto em que predomina a expressão do “eu”, seus sentimentos, sua subjetividade. São frequentes temas como o amor, a saudade, a solidão e a morte. A construção do poema caracteriza-se pelo manejo com a palavra, a imagem e o ritmo.

## Conversa com o Professor



Caro professor,

*O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinhas ou capítulos*, de Sérgio Capparelli, promove a reflexão sobre questões relativas à violência e ao preconceito racial, infelizmente ainda tão presentes na realidade de jovens em todo o país, sobretudo na periferia das metrópoles. Os poemas de Sérgio Capparelli, dessa forma, permitem aos estudantes aprofundarem seus conhecimentos linguísticos, uma vez que poesia é a arte da palavra e, como tal, possibilita compreender a polissemia existente nos vocábulos e as construções imagéticas que o texto poético é capaz de produzir.

O uso, em sala de aula, de gêneros textuais diversos amplia o repertório de mundo, textual e linguístico dos estudantes, tornando-os íntimos de uma linguagem presente na cultura a qual pertencem. O texto poético permite exercer nossa condição humana. Vamos acordar a consciência política e crítica dos estudantes-poetas que existem na escola (e no país) e promover a literatura brasileira?

## Quem escreveu a história



Sérgio Capparelli nasceu em 1947, em Uberlândia, Minas Gerais. Filho do caixeiro-viajante Emmanuele Capparelli e de Cecília Guimarães Capparelli. Formou-se em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalhou nos jornais *Zero Hora* e *Folha da Manhã*. Nessa ocasião, fez muitas viagens pela América Latina e Europa.

Em 1972, iniciou o doutorado em Ciências da Informação na Universidade de Paris II, estudando sobre a televisão brasileira. Em 1979, lançou a primeira novela infantojuvenil *Os Meninos da Rua da Praia*. Nesse momento, teve início sua carreira de professor no Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS e da UFRGS. Em 1980, defendeu a tese *A Televisão Brasileira e Seu Modelo de Desenvolvimento*. Exerceu as carreiras de escritor de literatura infantil e juvenil, jornalista e professor. Hoje está aposentado no magistério, mas continua escrevendo literatura.

Sérgio Capparelli tem vários ensaios publicados sobre Jornalismo, Literatura e Comunicação de Massa. Recebeu quatro vezes o Prêmio Jabuti, sendo três vezes de Literatura e uma vez em ensaio em Ciências Humana — Televisão.

Atualmente, mora em São Paulo e em San Vito al Tagliamento, na Itália.

## Mergulho no livro



“Stamos em pleno mar...” Dessa forma, o célebre poeta Castro Alves inicia o poema “O navio negreiro” (1868). O poeta baiano, assim como o poeta mineiro, imprimem na poesia os horrores causados pelo racismo. No navio negreiro, ou seja, na embarcação que tinha como objetivo levar os negros da África para servirem como escravos em terras brasileiras na época do Brasil Colônia e Império, durante o trajeto, muitos negros morreram em virtude da fome e de doenças causadas pelas condições insalubres. Essa situação de descaso com o negro foi imortalizada na voz do poeta baiano Castro Alves. Assim também, os versos de Sérgio Capparelli remetem à discriminação racial.

*O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinhas ou capítulos*, de Sérgio Capparelli, está dividido em 8 capítulos, ou em 8 chacinhas como consta no subtítulo do livro. O leitor acompanha um jovem de 16 anos, aprendiz de manutenção dos trens, que tem a vida desestruturada pela crescente violência no bairro onde mora. Dentre as vítimas estão alguns vizinhos e amigos. No decorrer do poema, o jovem testemunha e documenta um dos assassinatos. Com o registro de um ato brutal gravado em sua câmera, o rapaz passa a temer por sua própria vida. O texto de Sérgio Capparelli denuncia o abandono em que vivem muitos na cidade.

A fim de conferir verossimilhança, sentido de Verdade, ao texto, o autor apresenta expressões populares como “solto fogo pelas ventas” (p. 18)” e “Eu tô que tô” (p. 18) que surgem na gíria da periferia e servem, nesse momento, para reforçar o tom informal, urbano. Dessa forma, percebe-se que o poema assemelha-se a uma história narrada oralmente, aproximando-se do linguajar das ruas de uma grande cidade. Essa situação ratifica o título do livro.

Para abordar a violência e o preconceito racial na periferia de São Paulo, Sérgio Capparelli usa a poesia e é preciso refletir sobre a gramática do texto poético que difere da gramática normativa, sobretudo, porque o poeta, por conhecer as estruturas da norma culta transgride-as, a fim de obter os resultados estilísticos e semânticos desejados. Verdade é que a gramática da poesia pressupõe ainda voltar o olhar para o ritmo dos versos, das rimas e das sonoridades.

De fato, o poema é composto de versificação “a arte de fazer versos”. O verso é a linha de cada poema que é composto de estrofes que caracterizam um conjunto de versos. No poema, há elementos importantes que indicam seu ritmo e sua leitura adequadamente ao que o poeta quis passar. Respeitar o ritmo métrico é a mesma coisa que respeitar a pontuação (vírgulas e pontos) de textos objetivos. Não que seja necessário nomeá-los, mas percebê-los na cadência dos versos faz toda a diferença. Uma leitura desestimulada e inadequada, muitas vezes, fará com que os alunos sintam certa repulsa a determinados poemas.

Ao lermos um poema, as competências linguísticas, textuais e de mundo são acionadas também. Isso nos torna seguros a perceber as escolhas e jogos lexicais, fonológicos e

sintáticos, a compreender a diferenciação entre este estilo e outros e ainda a perceber as intertextualidades existentes ou possíveis de serem estabelecidas no texto poético.

A gramática do poema, assim como a gramática de qualquer outro texto, não deve objetivar a análise das partes do texto, com a finalidade de estudo das nomenclaturas. Mais do que a qualquer fim, é preciso reconhecer as estruturas ocorridas no texto poético para apreender dele cada vez mais sentido.

A metáfora, figura comum ao texto poético, convida o leitor a participar de um contrato textual diferente daquele que ele está acostumado nos textos objetivos. A partir de um vocabulário lúdico, o poeta brinca com as construções fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. A inversão da ordem comum das palavras, atribuindo-lhes outros significados faz do escritor de poesia um libertário. Esse tipo de texto precisa, assim, de um leitor coautor, que prescindia de dispositivos capazes de (de)codificar certas construções de diferentes níveis gramaticais. Para dispor de tanta liberdade criadora, é preciso reconhecer as amarraduras da língua, a fim de afrouxar ou desatar os nós linguísticos. O leitor de poesia precisa, dessa forma, tal qual o poeta, conhecer e reconhecer as regras que limitam a produção textual. Só assim é possível não limitar a atividade lúdica que é a poesia.

Em *O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinhas ou capítulos*, o projeto gráfico-editorial convida à leitura, tornando mais evidente a função literária. Ele contribui, assim, para a ampliação do sentido do texto de forma global, conectando-o à realidade, uma vez que procura



construir uma ambiência, em preto e branco, dos metrôs, inclusive, apresentando, já nas primeiras páginas, um mapa que costuma ser encontrado nas plataformas reais. O livro contém um mapa que é utilizado para apresentar os capítulos e os poemas que os compõem, além de desenhos, listras e mais símbolos que remetem à realidade em que se passa a história, gerando tanto a verossimilhança interna quanto externa. Ao final, pode-se encontrar, ainda, no posfácio, informações sobre Direitos Humanos.

Cada capítulo apresenta uma chacina e, a cada chacina, o horror pelo qual passa, constantemente, o eu-lírico. O poema "No dia seguinte" (p. 25) traz a primeira chacina: "No dia seguinte/À chacina/A vila acordou/Horrorizada". O texto anuncia que a morte é uma recorrência e frequente no espaço em que moram: "Começou de novo/A matança, vizinhança".

Os poemas são ricos em referências e intertextualidades. Neste mesmo poema, surge uma estrofe que faz lembrar os versos do poeta Solano Trindade no poema "Café com pão". Capparelli faz assim: "Comer, dormir e estudar/ Comer, dormir e estudar/

Comer, dormir e estudar." (p. 25). A repetição dos vocábulos nos versos subseqüentes remete ao automatismo a que são submetidas as pessoas na estação-vida.

Vale ressaltar que a cada estação surge um *flash* da vida cotidiana, ora frugal, ora estarrecedora. O poema "Muito prazer" atenta para o fato de a vida ter, mesmo em meio ao caos, ao horror, à violência, momentos de prazer como o de encontrar o "amor" numa dessas estações: "Era muito, era tudo/E mais um pouco./ E ela ainda nem sabe!" (p. 28).

No entanto, a tônica do livro direciona-se para a problemática que assola, constantemente, os jovens negros das periferias.

Por outro lado, a história mostra faces positivas da cidade, como o encanto que o eu-lírico nutre pela cidade: “Por isso andar por São Paulo/E em cada ponto, uma pousada/ E em cada pousada, uma emoção.” (p. 32). Símbolos da cidade surgem no texto, desenhando para o leitor o espaço em que se passa o poema-narrativo. O grafite está presente no capítulo dois, trazendo suas inscrições e “sabedorias”, como no poema “Grafitti ao lado do Bello Bello”: “A Coisa está preta, Bello,/Ninguém sabe quem é o bandido/Se quem mata a céu aberto/Ou quem mata escondido”. (p. 51).

Outra referência surge na obra, agora, literária no poema “Periquito-Australiano”: a personagem mais emblemática de Graciliano Ramos, construída em *Vidas secas*, que e carrega em si toda a sensibilidade pungente de um vivente na seca. Trata-se da personagem “Baleia”, a cadela antropomorfizada que sonha com um céu cheio de preás: “Mataram a mãe e o pai de Beatriz,/Sua irmãzinha de apenas oito anos./A cachorra Baleia e um periquito azul,/Acho que australiano” (p. 73). Ao atribuir este nome à personagem da família da moça assassinada, Sérgio Capparelli assume uma série de cargas semânticas e inferências que a cachorra de Graciliano é capaz de suscitar. Baleia reforça a carga dramática já existente no enredo.

A consciência de que a violência é ainda maior entre negros e pardos é explicitada no poema “Call Center de Deus”, nele o eu-lírico, protagonista e sua amada, Verônica, tele-

fonam para um lugar com o mesmo nome do poema. Decidem reclamar com Deus e devolver o mundo “defeituoso” que ele criou só “por capricho” (v.07, p. 75). Diante da não atitude do outro lado da linha e da resposta de que “já caducou o prazo de garantia” (p. 77), o aprendiz de manutenção dos trens sucumbe. No poema, há referências a tragédias reais que não se limitam às periferias da cidade de São Paulo e cita o caso do “Amarildo”, homem que desapareceu após uma operação policial na favela da Rocinha, a maior da América Latina e fica na Zona Sul do Rio de Janeiro: “Sumiram com o Amarildo./Foi levado à delegacia./Não está preso e nem voltou.” (p. 77). Ao final do poema, a constatação: “...Sapopemba, S a p o p e m b a, entendido?/Matam só negros e pardos e dizem: tudo bandido!” (p. 80).

A violência a negros e pardos das periferias tem preocupado todo o mundo. Os dados estatísticos confirmam a tese de que muitos jovens em situação de risco se encontram em lugares mais pobres e desprestigiados da mídia e são negros ou pardos. Isso posto, é preciso ressaltar que, atualmente, há ONG’s, grupos e Movimentos Sociais, nacionais e internacionais, que buscam, com ações afirmativas, além de iniciativas do Governo que ocorreram após lutas desses Movimentos sociais, solucionar, ou pelo menos, minimizar os problemas relacionados, principalmente, à mortalidade de negros e pobres em todo o país, oportunizando a estes grupos acesso à Educação, à Cultura, à Saúde e visibilizando seus talentos que, muitas vezes, não encontram, na sociedade como um todo, espaço de representação e, de fato, oportunidades.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apoia as mais importantes transformações na área da infân-

cia e da adolescência no País. O Fundo informa que “de 1990 a 2014, o número de homicídios de brasileiros de até 19 anos mais que dobrou. (Datusus, 2014).” A UNICEF reforça a informação de que “as vítimas têm cor, classe social e endereço. São em sua maioria meninos negros, pobres, que vivem nas periferias e áreas metropolitanas das grandes cidades.” Esses dados alarmantes e, devidamente, comprovados, são questionamentos que servem de base ao livro de poemas de Sérgio Capparelli que encontra na Literatura uma forma de denunciar as atrocidades cometidas durante séculos no País. O poeta tem uma função social e não foge dela, mas sim a ratifica na obra.



## Pré-leitura



Professor, para o trabalho com *O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinas ou capítulos*, de Sérgio Capparelli, você pode solicitar aos estudantes:

- 1) Leitura e interpretação do poema “O navio negreiro”, de Castro Alves. Em seguida, promover uma roda de conversa sobre as relações entre “escavidão”, “racismo” e “violência” em seu país e em sua cidade.
- 2) Composição de “relatos de experiência” sobre situações de violência sofridas por eles, por alguém próximo (família, vizinhança) ou ainda que tenham sido noticiadas na mídia e tenham chamado a atenção deles para o problema social.
- 3) Pesquisar sobre a biografia e bibliografia de Nelson Mandela e fazer um mural, apresentando-o e sua luta contra o racismo a todos do colégio.
- 4) Ouvir a canção, *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*, de Marcelo Yuka, na sala de aula, na biblioteca, ou no laboratório de informática, e promover uma roda de conversa sobre o tema apresentado nela, discutindo ainda a função social da Arte (Literatura, Cinema, Teatro, Artes Plásticas, Música, Dança) na “tomada de consciência” e na transformação social.

- 5) Promover um debate, ainda em sala de aula, sobre a permanência do conceito de escravidão e o racismo hoje. Pergunte sobre os cargos ocupados pelos negros, em sua maioria, no mercado de trabalho. Peça para eles refletirem também sobre como e com que frequência a figura do negro surge na mídia, ou seja, em noticiários, programas de debates, novelas, minisséries, cinema etc.

## Pós-leitura



Professor, neste espaço, encontram-se propostas de atividades que podem ser usadas na escola, ampliando, dessa forma, ainda mais a relação dos estudantes com a leitura literária e com os conhecimentos linguísticos.

1. Solicitar uma lista de palavras e expressões que eles considerem preconceituosas e racistas. Em grupos, eles farão uma roda de conversa e, ao final, cada um falará sobre o que significam, para eles, estas palavras, para além dos significados que elas possuem nos dicionários formais. Em seguida, fazer outra lista de palavras e expressões que surgiram após a ação de Movimentos Antirracismo no Brasil e no mundo.
2. Fazer um poema sobre o tema "O Jovem e a Cidade". O resultado poderá ser compartilhado em um varal de poesia no pátio do colégio.
3. Produzir uma redação dissertativa-argumentativa sobre "O Racismo no Brasil: causas e consequências".
4. Criar um diálogo entre O rapaz do metrô e Verônica sobre o tema "Violência e Racismo".
5. Escrever e encenar uma peça de teatro a partir da leitura do livro.
6. Transformar um poema livro em História em Quadri-nhos(HQ).Paratanto,acessarolink:<<http://www.nied.unicamp.br/?q=content/hag%C3%A1qu%C3%AA>>.



O HagáQuê é um software pedagógico, um editor de histórias em quadrinhos.

7. Transformar, em grupos, poemas (selecionados pelos grupos) em contos e ler o resultado para todos na sala de aula.
8. Criar diálogo entre “personagens” em algum poema a ser escolhido pelos alunos individualmente.
9. Produzir um artigo de opinião sobre o tema “A Violência nas Grandes Cidades”.
10. Criar um Museu da Empatia no pátio do Colégio.
11. Escrever uma crônica, inspirada em um dos poemas do livro.
12. Escrever notícia relacionado a uma das chacinas presentes no livro.
13. Escolher um poema e criar uma charge a partir dele.
14. Escrever cartas com teor crítico a respeito de leitura da obra. Nas cartas, os alunos indicam a leitura, apresentando argumentos que comprovem sua indicação. As cartas serão depositadas em grandes “caixas de correio” que serão confeccionadas por professores e alunos. Essa caixa fará parte do material da biblioteca. Isso estimula a produção de textos críticos, proporcionando ainda a percepção de tendências e interesse pela leitura por parte dos alunos da escola.
15. Solicitar que os alunos escrevam suas biografias de forma poética. Serão elaboradas em forma de livro, confeccionado artesanalmente por cada um. Isso porque os alunos, depois de observarem a vida do autor, pensarão sobre suas subjetividades, passando a valorizar suas trajetórias de vida, mostrando o que já fizeram e gostam de fazer até aquele momento e o que pretendem fazer.

As apresentações dos poemas podem, ainda, ser filmadas em celulares, editadas e postadas no blog da escola, bem como os livros, produzidos pelos alunos, podem ser fotografados e postados como portfólio da turma e poderá ser visto por outros alunos e professores, incentivando-os nesta prática. Os livros físicos serão levados pelos alunos para as famílias como recordação das aulas de leitura e escrita.

16. Organizar uma Festa Literária no colégio em que o homenageado será o escritor e historiador Joel Rufino dos Santos, historiador que é referência no estudo de cultura africana no Brasil.
17. Produzir panfletos que discutam aspectos políticos e sociais abordados nos poemas.
18. Ilustrar um poema, mantendo relação de coerência entre texto e ilustração.
19. Escrever um rap inspirado em poema da preferência dos alunos. Para tanto, dividir os estudantes em grupos de 4 a 6 pessoas. O resultado mostrar para a turma cantando.
20. Produzir, coletivamente, um vídeo sobre um poema, da preferência dos alunos. Para tanto, utilize um software de edição de imagens, como o Vídeo Maker.
21. Escrever um artigo de opinião, a partir de dois poemas do livro (à escolha dos estudantes), analisando e comparando os dois pela temática.
22. Escrever uma carta para Sérgio Capparelli falando sobre suas impressões da leitura do livro.
23. Ler um poema do colega e escrever uma pequena avaliação, a partir dos elementos estruturais do gênero.

24. Entrevistar um líder comunitário e apresentar o resultado no site, ou página, do colégio.
25. Produzir um jornal literário com poemas dos alunos e de autores da preferência dos alunos, bem como notícias recentes sobre lançamentos de livros de poetas contemporâneos.

## Interdisciplinaridade



*O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinas ou capítulos*, de Sérgio Capparelli, apresenta informações complementares que podem servir de base para um trabalho interdisciplinar. Isso porque apresenta aspectos relacionados às disciplinas língua portuguesa, literatura, à história, sociologia e geografia. Dessa forma, a obra insere-se, perfeitamente, no tema “a vulnerabilidade dos jovens; inquietações da juventude”. A interdisciplinaridade está presente na narrativa.

Interdisciplinaridade é um conceito dos meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito, atualmente, bastante conhecido, ainda encontramos resistência, aqui e ali, na utilização de métodos interdisciplinares em suas rotinas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina.

Em *O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinas ou capítulos*, é possível estabelecer um diálogo e ati-

vidades de cunho interdisciplinar por meio de temas que remetem à História, à Sociologia e à Geografia, que podem ser abordados tanto nas aulas destas disciplinas como nas de língua portuguesa, literatura e produção textual.

Por fim, é preciso atentar para elaboração de práticas de leitura que primem pela interdisciplinaridade em sua gênese, que permitam o diálogo entre disciplinas diferentes, descobrindo e organizando conteúdos comuns e possibilitando a ampliação de conhecimentos diversificados. Isso posto, é preciso compreender que a poesia não é um recurso literário utilizado apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas, na verdade, em todas as áreas.

**Para saber mais...**



## Bibliografia



- FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.
- GENS, Rosa; SANTOS, Leonor Werneck dos; MARTINS, Georgina. *Literatura infantil e juvenil na prática docente*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *A escravidão no Brasil (como eu ensino)*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O que é o racismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Épuras do social — como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.



## Webliografia



HagáQuê. Disponível em: <<http://www.nied.unicamp.br/?q=content/hag%C3%A1qu%C3%AA>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

Itaú Cultural. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3956/sergio-capparelli>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

Joel Rufino dos Santos. Disponível em: <[www.joelrufinodosantos.com.br](http://www.joelrufinodosantos.com.br)>. Acesso em 22 de abril de 2018.

Letras (Site de letras de música. Para ouvir a canção “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”). Disponível em: <<http://letras.mus.br/o-rappa/77644>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

Sérgio Capparelli. Disponível em: <[www.capparelli.com.br](http://www.capparelli.com.br)>. Acesso em 22 de abril de 2018.

UNICEF (Brasil). Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/pt/overview.html>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

